TL6956

SOBRE LEADERSHIP

Num sentido romantico e espiritual da luta e sob o pensamento metafisico do meu povo, pronto a receber os acontecimentos sob o lado irreal, o destino percebe-se na 'exactidao' com que as coisas acontecem, isto e, na inalterabilidade da previsao. Ai, pode-se tomar o termo 'destino' como o apropriado. Eu nao acredito em destinos, como qualquer coisa ja tracada que as pessoas so tem a cumprir, ja que isto destituiria a vida da vontade e do esforco do homem, das pessoas. Contudo, a sensacao de que isto tudo o que aconteceu comigo estava fora de todas as previsoes logicas e porque fui eu o objecto das brincadeiras do imprevisivel (ja previsto por alguem), num momento dificil da guerra, (em que ao lado do esforco de chamar todas as minhas capacidades para responder, eu lamentava ter sido o 'escolhido'), devo dizer que o destino apareceu-me como a explicacao mais 'realista' para me dar forca psicologica.

Quero lembrar que, the sheer circumstance proveio do facto de terem morrido os outros membros do CCF. Mas o 'destino' parecia desenhado na visao do 'fortune teller'. Eu preferiria 'visionary', porque ele nao era um homem a quem as pessoas iam procurar saber a sorte, ele 'via' acontecimentos e contava a quem quisesse ouvir mas, normalmente, como aviso as pessoas, quando estas eram beneficiadas ou afectadas, nessas 'visoes'.

Nos meados de 78, nos estavamos encaminhando as populacoes de Lospalos, Luro, Iliomar, Moro para o monte Matebian. Embora os sectores da Fronteira Sul (Concelhos de Suai, Bobonaro, Ainaro e parte de Same) e da Fronteira Norte(Concelhos de Ermera e Liquica) tivessem sido ja destruidos pelo inimigo que passara para o sector Centro Norte(Concelhos de Dili e Manatuto e Aileu), entao sob a pressao dos ataques inimigos, nenhum membro do CCF tinha sido ainda capturado ou morto e a propria populacao e as Falintil ainda estavam suportando grandes mobilidades nao so dentro de cada sector como saindo para outros sectores vizinhos. Assim, quando se fala de destruicao dessas bases de resistencia da populacao, deve-se compreender destruicao das condicoes de prosseguimento de uma resistencia como as havidas anteriormente (cordao de defesa pelas Falintil e com a populacao a retaguarda, organizada e produzindo, etc). Pois bem, com a Direccao da Luta ainda intacta, o 'visiknary' ja pudera ver que 2 ou 3 anos depois, eu tomaria a responsabilidade sobre a luta. Eu so soube da historia do 'visionary' em 1986.

Em 1979, nos primeiros trabalhos/tentativas de organizar uma rede de Lospalos que chegasse a Dili, fomos recebendo noticias sobre os resultados das operacoes inimigas em quase todo o territorio.

Em fins de '79/principios de '80, pelas vias clandestinas, pude saber da morte de Nicolau Lobato e de muitos outros membros do CCF. Havia entretanto tambem rumores de uns tantos membros ainda vivos, algures, mas a situacao de total rendicao da populacao e de uma grande parte das Falintil, no resto do Pais, era facto consumado.

Em Maio/1980, quando atravessei a linha Baucau/Vikeke, a intencao era dupla. Ir controlando as forcas remanescentes e encontrar-me com algum outro membro do CCF a fim de vermos a situacao geral do territorio.

Em Venilale, encontrei-me aom Belmiro*, que era taxista em Dili e fazia

as ligacoes com as forcas remanescentes em cima de Dili e Bazar Tete e levava tambem o plano de operacao sobre a cidade de Dili, mas que a indisciplina de alguns membros da organizacao clandestina e das forcas 'estragaram' com a accao de 10 de Junho de 1980.

Por ele soube mais pormenores, pelos quais era ja impensavel que algum membro do CCF do alto nivel tivesse sobrevivido. So havia o rumor de que o Comissario Politico Cesar Mau Laka pudesse ainda andar pelos lados do sudoeste do territorio.

Na Ponta Leste, estavamos 3 (o Ma Huno, Txay e eu). Eu conhecia-os demasiado bem, tanto na formacao teorica como na realizacao pratica das actividades. Eu estava consciente de que eu estava melhor preparado, em ambos os aspectos do que os dois, embora o proprio Ma Huno fosse membro-fundador da ASDT/FRETILIN. Se o Mau Laka continuasse vivo, caberia a ele, como Comissario Politico, continuar a dirigir a luta.

Mas as probabilidades eram muito poucas, ja que se ele ou outro qualquer estivesse vivo ja teriam feito contactos com Dili. Assim, eu decidi tomar as redess da Direccao. Eu sabia que eu proprio nao estava preparado para assumir o comando da luta. Alem de uns meses como Cmdt de pelotao, nunca tive oportunidade de comandar as forcas. Fui um quadro politico que, inicialmente, tambem se debatia com a falta de experiencia de trabalhos de organizacao e de massas. Na segunda metade de '76 passei por uma enorme experiencia - foi-me entregueuma dificil regiao onde nao conhecia as pessoas, tomando conta das zonas de Uatu Lari, Uato Karbau e metade de Vikeke e de Ossu. Na segunda metade de '77, passei a superintender tambem a parte oriental da Regiao de Baucau, que incluia Bagia, Laga, Kelikai e metade de Baucau e Venilale. Em fins de '77 passei para o sector que correspondia ao antigo Ponta Leste(Luro, Lore, Moro, Lospalos e Tutuala).

Os contactos com os comandantes de companhia, e as analises sobre a situacao militar permitiram-me uma percepcao teorica mais ou menos aceitavel e o facto de, durante o cerco do monte Matebian ter percorrido todo o monte, apoiando a populacao e apoiando as forcas, deu-me um conhecimento claro dos nossos erros, no campo militar. Esta era a bagagem elementar que eu levava. Havia, para alem disso, questoes politicas e ideologicas. Na reuniao de Maio de 77, o marxismo foi aclamado, soube das diferencas de ponto de vista da Direccao anterior. Eu estava perante um complicado problema. O meu Povo tinha-me pedido para continuar a luta, tinha-me ordenado a nao render nunca, tinha-me afirmado a sua fe na libertacao e tinha em nos, os guerrilheiros que restavamos, a sua unica esperanca.

Eu sabia que seria muito dificil dirigir a luta em tais circunstancias. Mas eu sabia tambem que eu nao deveria nunca decepcionar o meu Povo, nunca deveria recuar perante as dificuldades, ja que o meu Povo estava desejando ultrapassar aquela situacao de grandes derrotas e dos enormes sacrificios ja consentidos.

Depois de regresso do Remexio, em Julho de 1981, passei 3 meses a estudar o processo revolucionario e as leisdda guerra em geral, a analisar o que tinhamos feito naqueles 3 anos, as condicoes politicas e militares para prosseguirmos e a tentar encontrar novos metodos de trabalho, novas formas de accao mais em consonancia com a nossa realidade, isto e, com as nossas condicoes objecti-

vas e materiais.

Eu tomei consciencia de que, em primeiro lugar, eu deveria estar preparado e aferrei-me a este trabalho de me capacitar a mim mesmo no plano teorico, se eu desejava conduzir a luta com confianca no que viria a decidir.

Enquando eu estudava, ia anotando questoes desde ideologicas a militares, desde politicas a organizacionais e mandava para os quadros na Ponta Leste para irem debatendo e discutindo. Mas eu ja decidira assumir o comando da luta.

Nao estava relutante, nao! Apenas estava triste porque isso estava acontecendo comigo (considerando que nem o Ma Huno nem o Txay estavam em melhores condicoes do que eu). E sobretudo, subjugado nao so por reconhecer que eu estava impreparado como ainda pela dificil situacao em que tudo ficou.

Elaborei assim as linhas gerais da reorganizacao da luta, os principios politicos que nos guiariam e convoquei os quadros para a Conferencia Nacional que, finalmente, pode ter lugar em Marco de 1981. E definitivamente passei a comandar a Resistencia.

Devo acrescentar que o problema comigo mesmo nao ficou resolvido ja ali. A continua preocupacao de cumprir e melhorar em todos os aspectos, e continuo peso das dificuldades que constantemente desafiavam a minha capacidade de responder a elas, os momentos de enorme depressao e a sensacao permanente de nao estar a altura das responsabilidades, tudo isto sempre me acompanhou ate agora. E so eu sinto as minhas proprias dificuldades, conheco as minhas deficiencias e percebo os meus erros.

Muitas vezes ... desejava tanto que alguem mais preparado surgisse e eu lhe entregaria, com total alivio, as responsabilidades de dirigir a luta.

Desde a primeira hora, levei sempre comigo o pensamento de que, em nenhuma circunstancia, eu deveria magoar o nosso Povo. Com o andar dos anos, fui percebendo que o nosso Povo, depois de me ter ordenado prosseguir a luta, depositara em mim a sua total confianca. O mesmo aconteceu com os guerrilheiros. E era esta confianca que permanentemente me dava forcas para prosseguir e me alertava permanentemente tambem a cumprir bem e a melhorar sempre.

Em contacto com a experiencia ou a historia da nossa luta, eu sabia que a ambicao, o pensamento dirigido a obter privilegios pessoais do proprio 'status' ou da luta, encaminha sempre qualquer pessoa a trair o ideal, a enfraquecer os principios e a tornar-se arrogante e autoritario.

Tomei especial cuidado neste aspecto para evitar trair o sangue derramado e os sacrificios consentidos e ainda por consentir.

Ate mesmo hoje, continuo vigiando os meus proprios pensamentos para manter a mesma integridade moral e politica que eu sempre me esforcara por possuir, em todos aqueles anos do mato. Percebera que as condicoes do mato e as condicoes de uma prisao em Jakarta sao totalmente diferentes.

Por me conhecer exactamente o que sou, as vezes fico a pensar se nao foi um erro, ja aqui em Cipinang, retomar as redeas do comando. Se, por um lado , eu afianco a mim mesmo que, assim como em 79 e 80, eu apenas estou cumprindo o dever que me foi dado de prosseguir e conduzir a luta, por outro, me pergunto se eu nao devia deixar aos meus irmaos que se encontram no mato esta responsabilidade.

E fico com receio de que a justificacao (que dou a mim mesmo) de que eles nao estao preparados, seja algo politicamente inaceitavel. Contudo, eu sei que ja nao posso voltar atras e seria um acto de cobardia politica se, por

complexos de varia ordem, eu desistisse a meio do caminho. Cobardia politica perante o meu povo que, no seu intimo, continua a manifestar-me a sua total confianca.

A confianca que o meu Povo depositou em mim ultrapassa, como e obvio , todas as consideracoes plausiveis. E este e o fardo que eu levo, porque cada vez sinto que, quanto mais o tempo passa, quanto mais o processo avanca, menos preparado eu estou para corresponder as expectativas gerais, menos preparado para estar a altura das minhas responsabilidades.

Como conclusao, custa tanto ser 'lider' e eu nunca estive minimamente preparado para ser lider.

Kay Rala Xanana Gusmao
Membro do CNRM
e
CMDT das FALINTIL

(*) Foi comandante de pelotao, nos primeiros 3 anos, capturado em 1978. Esteve preso em Cipinang por 2 anos, regressou e continuou activo na organizacao clandestina. Era um dos elementos que me apoiavam nas deslocacoes em Dili, preso em meados de 1992, antes da minha captura e depois solto. Preso de novo em 1994 e recebeu 7 anos de prisao.

Cipinang, 14 de Julho de 1997.-